

## 9. Epílogo (Perspectivas)

Os presbíteros são chamados, hoje como ontem, não tanto a desenvolver um dever ou redescobrir um papel, mas a viver o Evangelho, de acordo com o seu modo específico, buscando compreender o que os assemelha, bem como o que os distingue, não como modelos individuais de existência cristã, mas como memória pública, comum, enquanto pessoas configuradas àquele “feliz anúncio”, dos quais são memória e guardiões viventes.

É necessário retomar e levar a sério as palavras de Cristo que exortam seus discípulos a serem servidores: “Pois qual é o maior: quem está à mesa ou aquele que serve? Não é aquele que está à mesa? Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve! (*diakonein*)”.<sup>1</sup> As duas perguntas constataam mais uma vez que agora, no seu ser diaconal, Cristo precisamente não é o maior; com essa declaração, Ele inverte radicalmente tudo o que vigorava até agora. Quem agora é decisivo é Aquele que não possui nem poder nem fama, Aquele a quem tão somente resta morrer impotente após uma vida galgada no agir servindo com fraternidade dando continuidade no tempo a ação salvadora do Senhor dirigida aos últimos.

Paulo vai apresentar tal configuração ao serviço como um “morrer” diariamente,<sup>2</sup> compreendendo que esse serviço está longe de ser um motivo de admiração, mas trata-se de uma experiência que ele descreve com toda sobriedade, pois o “morrer diário” acontece no fato de alguém correr perigos permanentes por causa de Cristo.

A diaconia é movida pelo amor, e o amor devocional é a disposição de uma pessoa que, após fazer a experiência do Salvador e obedecer ao seu chamado, segue-o, para ser atenciosa com as necessidades, os interesses e o bem-estar de outra, independente de como se sinta. Essa obediência, a imitação do Mestre,

---

<sup>1</sup> Cf. Lc 22,27.

<sup>2</sup> Cf. 1Cor 15,30-32.

caracteriza a atitude do discípulo. A diaconia do presbítero se compreende unicamente como continuidade da mesma obra mediadora de Cristo.

O presbítero é consagrado e enviado de forma comunitária. É escolhido do meio do povo de Deus, para exercer o ministério de pastor e guia da comunidade numa posição de serviço. Sai do meio do povo, para, de forma colegiada, exercer seu ministério a favor da comunhão de todo povo e deste com Deus.

Esse serviço concreto de amor se realiza a partir de uma realidade concreta: a Igreja particular. Nela, esse serviço é fortalecido pela vivência de uma profunda comunhão eclesial, a exemplo da própria comunhão trinitária, modelo de comunhão por excelência.

Convém sublinhar que os pontos constantes de estrutura fundamental das Igrejas, em nível local, são: uma viva consciência da novidade absoluta de Jesus Cristo e da originalidade da comunidade que se reúne em seu nome;<sup>3</sup> a identidade de fé, dos sacramentos (batismo, Eucaristia, ministério) e do comportamento moral; a identificação entre o bispo e a sua comunidade; a presença de um clero (*Ordo*), distinto do laicato; a realidade de um laicato com um forte sentido de pertença, participante da vida e das decisões da própria Igreja.

De modo mais específico, o sacerdote é chamado a amadurecer a consciência de ser membro da Igreja particular, na qual está incardinado, ou seja, inserido por uma ligação ao mesmo tempo jurídica, espiritual e pastoral. Essa consciência supõe e faz crescer um amor particular à própria Igreja. Esta, na realidade, é o termo vivo e permanente da caridade pastoral que deve acompanhar a vida do padre e que o leva a partilhar a história ou a experiência de vida desta Igreja particular nas suas riquezas e fragilidades, nas suas dificuldades e esperanças, a trabalhar nela para o seu crescimento. Cada qual, unido aos outros presbíteros, deve, portanto, sentir-se enriquecido pela Igreja particular e empenhado ativamente na sua edificação, prolongando aquela ação pastoral que distinguiu os irmãos que o precederam (João Paulo II, 1992, n. 74).

No interior da Igreja particular, vigora a dinâmica fundamental da complementaridade entre “um” e os “muitos”. O um é representado pelo bispo, como Cristo é a Cabeça da Igreja, e os muitos são representados pelos outros ministros e pela comunidade inteira. Entre ambos há uma reciprocidade, pois um não pode existir sem o outro. O que caracteriza a ligação essencial que se estabelece entre a autoridade do bispo é a presidência efetiva da assembleia eucarística no seu grau máximo, pois, presidindo o banquete eucarístico, ele

---

<sup>3</sup> Cf. Mt 18,20.

exerce e possui em plenitude as funções pastorais e administrativas em confronto dos seus fiéis. O bispo não somente é o bom pastor de sua comunidade, mas identifica-se com ela. Ele está na Igreja e a Igreja está nele, pois a glória de uma Igreja é a glória de seu bispo. Igreja e bispo não são duas unidades separadas, mas um todo único. E a antiga tradição evocava essa comunhão, freqüentemente, com a imagem das núpcias, pois a unidade entre hierarquia e povo é fundamental para assegurar a presença salvífica de Cristo em meio a seu Corpo.

Estreitamente ligado ao bispo está o presbitério. O presbitério é o complemento necessário do bispo, participa da autoridade com que Cristo mesmo edifica, santifica e governa a Igreja (Costa, 1997c, n. 2). O bispo e o presbitério formam uma profunda unidade sacramental; não se pode pensar bispo sem presbitério, como não se pode pensar presbitério sem bispo. Presbitério isolado não existe. Ele só existe e tem razão de ser enquanto estreitamente ligado ao bispo, e o bispo exerce sua função enquanto estreitamente inserido no presbitério. É a comunhão que caracteriza essa ligação íntima. Aqui não se faz outra coisa a não ser sublinhar o ser próprio da Igreja: ela é o sacramento de comunhão da humanidade com Deus e dos seres humanos entre si, ou seja, ela significa e realiza essa comunhão. A Igreja é o instrumento eficaz do Deus da comunhão. Sem comunhão, é impossível edificá-la; não há pastoral.

O bispo é investido da plenitude do sacramento da Ordem. É a partir dessa plenitude que se tece a comunhão eclesial. O bispo deve manifestar com sua vida e com seu ministério episcopal a paternidade de Deus, a bondade, a solicitude, a misericórdia, a doçura e autoridade de Cristo (não autoritarismo), que veio para dar a vida e fazer de toda a humanidade uma só família, reconciliada no amor do Pai, em vista de uma comunhão eclesial autêntica. Tal paternidade não é simples atitude virtuosa ou uma escolha do bispo individualmente: é ao mesmo tempo dom sacramental e mistério da graça em Cristo.

Vale ressaltar que o fundamento teológico da paternidade do bispo para com seus presbíteros encontra-se na *communio sacramentalis*, ou seja, o fundamento é o sacramento da Ordem, que o bispo recebeu em sua plenitude, como sucessor dos apóstolos, tornando, depois, participantes desse seu sacerdócio, “em grau subordinado”, outros homens da comunidade, pela imposição das mãos e a invocação do Espírito Santo sobre eles. Estes são os presbíteros, dos quais o bispo é, portanto, de certa forma, o pai. O bispo,

dirigindo-se a seus presbíteros, pode exclamar com o apóstolo Paulo aos coríntios: “Fui eu que vos gerei”.<sup>4</sup>

O presbitério – bispo e presbíteros – deve ser uma verdadeira família. Presbíteros e bispo, bispo e presbíteros, mais do que quaisquer outros, devem se amar fraterna e profundamente em Jesus Cristo. Deve reinar entre todos a mais profunda fraternidade sacerdotal. Essa fraternidade deve ser muito sentida e vivida por cada um. Se um sofre, todos sofrem; se um não anda corretamente, todos andam meio tortos; se um é difamado, todos são difamados. Dessa relação de amor e fraternidade, todos tirarão força para a sua vida espiritual e dela brotará a mais intensa eficácia pastoral. Para os presbíteros diocesanos, a união fiel e a generosa cooperação com o seu bispo contribuirá eficazmente para a santificação (Concílio Vaticano II, 2007a, n. 41).

Essa vivência fraterna, com vistas ao mais profícuo serviço pastoral, é expressão do cuidado pastoral, da cura pastoral, de Jesus Cristo, Sumo e Eterno Mestre, Sacerdote, Pastor, pelo povo reunido a partir da unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É só no Espírito e na atitude do amor fraterno e de comunhão que bispo e presbíteros serão testemunhas autênticas de Jesus Cristo.

Sem nenhuma pretensão de invadir o campo da espiritualidade presbiteral, parece oportuno oferecer algumas pistas já acenadas ao longo desta pesquisa para ressaltar como uma pastoral presbiteral atuante pode ser um poderoso meio oferecido ao presbítero não só para o progresso de seu caminho espiritual, mas, sobretudo, para uma vivência plena da comunhão eclesial proposta pelo Concílio Vaticano II.

A espiritualidade presbiteral não deriva somente da chamada universal de todos os fiéis à santidade (id., ibid., n. 40), mas também dos fundamentos teológicos da sua vocação, consagração e missão, por isso, o presbítero deve buscar no interior do seu ministério o caminho da perfeição. É santificando os outros que ele se santifica e se santificando santifica os outros, numa reciprocidade contínua, e forma a base de sua espiritualidade de comunhão (com o bispo, os demais presbíteros e os fiéis):

Por isso, o fim que os presbíteros pretendem atingir com o seu ministério e com a sua vida é a glória de Deus Pai em Cristo. [...] Os presbíteros, portanto, quer se

---

<sup>4</sup> 1Cor 4,15.

entreguem à oração e à adoração, quer preguem a Palavra de Deus, quer ofereçam o sacrifício eucarístico e administrem os demais sacramentos, quer exerçam outros ministérios a favor dos homens, concorrem não só para aumentar a glória de Deus, mas também para fazer progredir os homens na vida divina (Costa, 1997c, n. 2).

O Concílio Vaticano II procura dar a base dogmática e teológica da chamada dos presbíteros à santidade. A primeira afirmação poderia aparentar desligada do contexto, porém constitui o fundamento imprescindível da chamada dos presbíteros à perfeição porque dá a base doutrinal do elo entre o ministério e a vida dos presbíteros. Sublinha o Concílio que pelo sacramento da Ordem, os presbíteros são configurados com Cristo Sacerdote, como ministros da Cabeça, para a construção e edificação do seu Corpo que é a Igreja, enquanto cooperadores da Ordem episcopal (id., *ibid.*).

Afirmar, portanto, que o sacramento da Ordem configura ontologicamente o presbítero a Cristo e que o presbítero continua no mundo a própria obra de Cristo, Cabeça, na edificação do seu corpo místico, significa colocar a base sacramental na obrigação da santidade presbiteral. O presbítero, na sagrada ordenação, recebe uma consagração intrinsecamente ligada à missão: trata-se de uma consagração para a missão. O ministério presbiteral apresenta na sua natureza íntima uma dimensão teocêntrica e antropocêntrica. Por isso, o exercício do ministério constitui para o presbítero o terreno ideal para o cultivo da própria santificação: “Através da imposição das mãos é comunicado o dom indelével do Espírito (2Tm 1,6). Tal realidade configura e consagra a Cristo o sacerdote ordenado e o torna partícipe da missão de Cristo no seu duplice aspecto de autoridade e de serviço”.

A primeira base sacramental do dever de santidade do presbítero é o sacramento do batismo. Desde a consagração batismal, os presbíteros, como todos os fiéis, receberam o sinal e o dom de uma vocação e de uma graça tão grande que, mesmo na fraqueza humana, podem e devem sempre buscar essa perfeição, conforme disse o próprio Cristo: “Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito”.<sup>5</sup>

O Concílio Vaticano II é categórico ao afirmar a vocação universal à santidade que toda a Igreja é chamada a viver:

---

<sup>5</sup> Mt 5,48.

O Senhor Jesus, Mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição que fossem, a santidade de vida, de que ele próprio é autor e consumidor [...] Os seguidores de Cristo, que Deus chamou e justificou no Senhor Jesus, [...] foram feitos no batismo da fé verdadeiros filhos de Deus e participantes da natureza divina, e por isso mesmo verdadeiramente santos. Devem, portanto, com a ajuda de Deus, conservar e aperfeiçoar na sua vida a santidade que receberam. [...] É, pois, bem claro que todos os fiéis, seja qual for o seu estado ou classe, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade (Concílio Vaticano II, 2007a, n. 40).

Também os presbíteros estão incluídos em tal panorama de mandamento de perfeição e de santidade, porque, nos vários gêneros de vida e nas diferentes funções, uma única santidade é cultivada por todos aqueles que movidos pelo Espírito de Deus, obedecendo à voz do Pai, adorando-o em espírito e verdade, caminham no seguimento de Cristo pobre, humilde e carregado com a cruz, para merecerem participar de sua glória:

Os presbíteros, à semelhança da Ordem dos bispos de quem são a coroa espiritual, participando da graça ministerial dos mesmos através de Cristo, eterno e único mediador, cresçam no amor de Deus e do próximo, pelo exercício cotidiano do seu dever, conservem o vínculo da comunhão sacerdotal, prodigalizem em todo o bem espiritual e sejam para todos um testemunho vivo de Deus, procurando imitar aqueles sacerdotes que, no decorrer dos séculos, deixaram, num ministério muitas vezes humilde e escondido, o maior exemplo de santidade (Concílio Vaticano II, 2007a, n. 41).

Não se trata de uma exortação rumo a uma meta possível, mas de um autêntico dever de tender à santidade. Os presbíteros, assim como todos os batizados, receberam no batismo o sinal e o dom (graça de caráter indelével) de uma vocação que os convida à santidade.

Os presbíteros, porém, têm outra motivação para tender à perfeição, que é a sua peculiar posição no corpo de Cristo, que se realiza mediante o sacramento da Ordem.

A Ordem sagrada imprime na alma uma nova consagração ontológica, uma configuração e uma semelhança particular com Cristo eterno sacerdote. Por isso, o sacerdote personifica o Cristo, fortalece a sua presença no mundo, é enriquecido por uma graça particular e tem o grave dever de imitá-lo na perfeição:

Estão [os presbíteros], porém, obrigados por especial razão a buscar essa perfeição, visto que, consagrados de modo particular a Deus pela recepção da

Ordem, se tornaram instrumentos vivos do sacerdócio eterno de Cristo, para poderem continuar pelos tempos afora a sua obra admirável, que restaurou com suprema eficácia a família de todos os homens. Fazendo todo o sacerdote, a seu modo, às vezes da própria pessoa de Cristo, de igual forma é enriquecido de graça especial para que, servindo todo o povo de Deus e a porção que lhe foi confiada, possa alcançar de maneira conveniente a perfeição daquele de quem faz as vezes e cure a fraqueza da sua carne a santidade daquele que por nós se fez pontífice “santo, inocente, impoluto, separado dos pecadores (Hb 7,26) (Costa, 1997c, n. 12).

Assim como Cristo foi consagrado, santificado e enviado pelo Pai ao mundo para purificar a humanidade do pecado e a sua paixão dolorosa foi o caminho para a Glória o presbítero foi consagrado pela unção do Espírito e enviado ao mundo. Porém, ele não possui a perfeição de Cristo; por isso, deve realizar um profundo esforço de ascese e abandono que fará crescer seu espírito de serviço em vista da salvação de toda a humanidade.

Toda a vida e o exemplo de fraternidade do presbítero indicam uma total doação a Cristo e à Igreja. Ele, renunciando a algumas precisas relações familiares íntimas, fazendo algumas específicas renúncias, dedica-se ao serviço, à amizade, à escuta, à convivência com o Cristo total, porque a sua comunhão com Cristo e com os coirmãos é em função da comunhão eclesial. Essa visão, sublinhando o aspecto eclesial, o orienta rumo a uma concepção de santidade muito mais rica e autêntica, porque fundamentada sobre a doação e sobre o amor e concebida em função do *múnus* dos presbíteros, isto é, do seu dever de contribuir com o fazer crescer e edificar todo o corpo místico de Cristo que é a Igreja (Molinari, 1968).

## 9.1.

### Pistas de ação para uma pastoral presbiteral

É convicção difusa que a pastoral presbiteral não depende somente do empenho comum de um presbitério, ou do bispo diocesano, disposto a amadurecer junto escolhas e programas para um sério caminho de conversão. A pastoral deve encontrar em cada presbítero, individualmente, a disponibilidade para cuidar de si e, assim, assumir o compromisso consigo mesmo, para responder de modo sempre mais incisivo as instâncias do ministério. Resultam ineficazes as experiências da pastoral presbiteral onde não se levam em conta o cuidado pessoal pela vida espiritual e a constante atenção à atualização teológica e às problemáticas pastorais colocadas dentro do contexto cultural no qual se vive.

O bispo diocesano deverá motivar sempre mais o seu presbitério na implantação, organização e no funcionamento da pastoral presbiteral, a fim de que a Igreja particular e o presbitério diocesano possam estar sempre mais preparados para o exercício do ministério, estimulando a alegria e o prazer de serem servidores do povo, segundo o exemplo do Bom Pastor. É necessário discutir e solucionar os problemas que dificultam ou até impedem a fraternidade nos presbíteros.

Entende-se que a pastoral presbiteral deve ser uma ação conjunta e planejada da Igreja particular, sobretudo a partir do bispo e do Conselho Presbiteral, em favor do presbítero, sua pessoa, vida e missão. Deve ser um espaço de integração e intercâmbio, que leve o presbítero a cultivar a alegria e o prazer de ser discípulo e missionário, superando obstáculos e dificuldades.

Assim, depreende-se a urgência da “reapropriação” do tempo, como dom de Deus, sem ceder à tentação da ideologia dominante, em que não se tem mais tempo pra si e para a escuta das pessoas, vida e ministério parecem atropelados por um pragmatismo sem alma, que, no final, produz a perigosa síndrome do cansaço psicológico, físico e espiritual, o qual gera, por sua vez, o cepticismo e o fechamento em si mesmo, com a perda de toda paixão pelo Reino. Não se pode esquecer que o tempo dado à própria formação regenera a qualidade das relações cotidianas num ministério mais sereno e mais incisivo.

É o apóstolo Paulo que faz a admoestação: “Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos estabeleceu como guardiães, como pastores...”.<sup>6</sup> A pastoral presbiteral contribui com esse cuidado, possibilitando-o ainda mais aos presbíteros que chegam ao presbitério; favorecendo seu processo de inserção; fazendo do presbitério uma verdadeira família, na qual todos se sintam à vontade para se expressar e se dar a conhecer; reforçando tudo o que já há de bom; ajudando a superar o superficialismo nas relações; refletindo de maneira mais profunda e aberta as questões cruciais da vida do presbítero.

---

<sup>6</sup> At 20,28.

### **9.1.1. O caminho**

“Considera o que realizas e imita o que celebra, e conforma tua vida com o mistério da cruz do Senhor” (Congregação para o culto divino, 2000, n. 135, p. 117).

Essa expressão da liturgia da Igreja define com clareza o “itinerário” da vida presbiteral no qual, sob a ação do Espírito de Deus, o presbítero gera vida no seio da Igreja, povo de Deus, a partir de onde se compreende e explica o sentido do ministério (Concílio Vaticano II, 2007a, n. 10). Assim, o presbítero “conforma” toda sua pessoa ao ministério da cruz de Cristo. Por isso, a formação permanente oferecida pela pastoral presbiteral pode ser definida como aquele caminho que durante toda a vida o presbítero deverá percorrer se quiser ser fiel ao dom e ao ministério da própria vocação.

Vale salientar que a formação permanente não é uma repetição daquela recebida no seminário, agora submetida à revisão ou ampliada com novas sugestões práticas. Ela deve ser desenvolvida com conteúdos e métodos relativamente novos, como um todo vital e unitário que, no seu progresso, exige adaptações, atualizações e modificações. Porém, isso deve ser feito sem rupturas com a formação inicial e sem soluções para a sua manutenção.

Sua finalidade não pode ser uma mera atitude, que poderia dizer-se “profissional”, conseguida mediante a aprendizagem de algumas técnicas pastorais novas; deve ser manter vivo um processo geral e integral de contínua maturação. Isso implica no desenvolvimento das múltiplas dimensões que envolvem tal caminho.

#### **a) Dimensão humana**

O presbítero deve acrescentar e aprofundar aquela sensibilidade humana que lhe permite compreender as necessidades e colher os rumos, intuir as perguntas não expressas, compartilhar as esperanças e expectativas, as alegrias e os trabalhos da vida ordinária, ser capaz de encontrar a todos e dialogar com todos. Principalmente conhecendo e compartilhando, ou seja, fazendo própria a experiência humana da dor nas suas múltiplas manifestações – desde a indigência,

a falta de solidariedade, as pobreza materiais e espirituais –, o presbítero enriquece sua própria humanidade e a torna mais autêntica e transparente, num crescente e apaixonado amor pela humanidade.

Ao amadurecer sua própria formação humana, o presbítero recebe uma ajuda particular da graça de Jesus Cristo, o qual, tendo vivido como homem entre os seres humanos, a estes ofereceu a mais absoluta expressão de humanidade. O povo de Deus poderá dizer o mesmo do presbítero: “Com efeito, não temos sumo sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado”.<sup>7</sup>

### **b) Dimensão espiritual**

O Espírito, consagrando o presbítero e configurando-o a Jesus Cristo, Cabeça e Pastor, cria uma relação que, no próprio ser do presbítero, exige ser assimilada e vivida. Nessa relação entre Cristo e o presbítero, ontológica e psicológica, sacramental e moral, estão o fundamento e a força para aquela vida segundo o Espírito. Concretamente, a vida de oração deve ser “renovada” constantemente no presbítero. A cada dia é preciso guardar a fidelidade aos momentos de oração, sobretudo à celebração da Liturgia das Horas, buscando o encontro pessoal com Jesus, de um colóquio íntimo com o Pai, de uma profunda experiência do Espírito.

### **c) Dimensão intelectual**

O estudo e a atualização cultural séria e comprometida são imprescindíveis. O presbítero é chamado a revelar à humanidade o rosto de Deus em Jesus Cristo e, por Ele, o verdadeiro rosto da pessoa humana. Contudo, isso exige que o próprio presbítero busque esse rosto e o contemple com veneração e amor.<sup>8</sup> A perseverança no estudo teológico resulta também necessária. O presbítero, ao aplicar-se com consciência e constância ao estudo teológico, é capaz de assimilar de forma segura e pessoal a genuína riqueza eclesial.

---

<sup>7</sup> Hb 4,15.

<sup>8</sup> Cf. Sl 26,8; 41,2.

#### **d) Dimensão pastoral**

“Todos vós, conforme o dom que cada um recebeu, consagrai-vos ao serviço uns dos outros, como bons dispenseiros da multiforme graça de Deus”.<sup>9</sup>

Dessas palavras do apóstolo Pedro, compreende-se que, assim como toda a atividade do Senhor foi fruto e sinal da caridade pastoral, da mesma maneira deve ser a atividade ministerial do presbítero. A caridade pastoral animará e sustentará os esforços humanos do presbítero para que sua atividade pastoral seja atual, credível e eficaz. Mas isso exige uma formação pastoral permanente.

O caminho que leva à maturidade exige também que se saiba integrar essas dimensões entre si, alcançando progressivamente a unidade interior. Assim, esta não só coordena e unifica as demais dimensões, mas concretiza com transparência a imagem viva do ministro de Jesus, Bom Pastor.

As diferentes dimensões ajudam o presbítero a ser e a desempenhar sua função no espírito e segundo o estilo de Jesus Bom Pastor. A verdade precisa ser vivida! O apóstolo Tiago exorta: “Tornai-vos praticantes da Palavra e não simples ouvintes, enganando-vos a vós mesmos!”.<sup>10</sup> O convite de Paulo a Timóteo a guardar o bom depósito da fé, por meio do Espírito Santo que habita em cada um,<sup>11</sup> faz-se atual e dirige-se a todos os presbíteros que são, continuamente, chamados a conservar e desenvolver na fé, a consciência da verdade inteira e surpreendente de seu próprio ser, pois são ministros de Cristo e administradores dos mistérios de Deus.<sup>12</sup>

#### **9.2. Testemunho para os irmãos**

É partilhado por todos os presbíteros o pedido de que seja superada toda forma de individualismo, difícil de morrer também no interior do presbitério. Geralmente, atribui-se tal forma de patologia espiritual e humana mais aos limites da formação recebida que ao respiro da cultura dominante.

---

<sup>9</sup> 1Pd 4,10.

<sup>10</sup> Tg 1, 22.

<sup>11</sup> Cf. 2Tm 1,14.

<sup>12</sup> Cf. 1Cor 4,1.

Atribui-se ao individualismo a dificuldade de realizar um discernimento comunitário, de elaborar de modo participativo um mínimo de planejamento pastoral dentro da Igreja particular e das comunidades cristãs. Também ao próprio cansaço ou à falência de tantos conselhos de pastoral paroquial é atribuída a insuficiente capacidade do presbítero de suscitar colaboração e de se envolver num trabalho comum. Mas, sobretudo, o individualismo empobrece a vida e o ministério porque cria obstáculo à comunhão e banaliza a própria percepção de pertença a um único presbitério.

Às vezes, parecem transitar entre os presbíteros cansaço e desilusão também em relação aos encontros do tipo espiritual e pastoral. Ora, se, por um lado, isso exige grande atenção para que tais encontros sejam profícuos para aqueles que participam; por outro, não se deve esquecer que os encontros não são somente funcionais *a posteriori*, pelas escolhas que se fazem neles, mas têm um valor por si mesmos, quais sinais visíveis daquela fraternidade que é vivida como pertença ao presbitério. Então, é importante ter presente nos encontros certa ascética que favoreça a amizade entre os presbíteros, a oração comunitária, o acolhimento e, algumas vezes, a suportação recíproca dos pesos do ministério.<sup>13</sup>

Essa fraternidade é um testemunho autêntico no qual o presbítero, irmão entre os irmãos reunidos em fraternidade apostólica, diz à humanidade que é possível ser irmão entre irmãos. A estes levará a sua rica experiência de comunhão e de partilha, porque, sendo homem da comunhão com Deus, é também homem totalmente envolvido nas mais variadas situações do seu povo, homem-para-os-outros, o homem do serviço à comunidade, da dedicação pastoral à comunidade concreta, na qual o compromisso pastoral, mais que obstáculo, torna-se estímulo potente a caminhar junto como irmãos, porque a fraternidade produz fraternidade.

Como “modelos do rebanho”<sup>14</sup> já constituídos por Cristo para uma comunhão de vida, de caridade e de verdade (Concílio Vaticano II, 2007a, n. 9), os presbíteros não podem se eximir de dar um testemunho específico da fraternidade, pois a comunhão eclesial não é facultativa, mas é o ser próprio da Igreja que quer reunir todos os filhos de Deus que estavam dispersos.<sup>15</sup> E, na

<sup>13</sup> Cf. Gl 5,13.

<sup>14</sup> 1Pd 5,3.

<sup>15</sup> Cf. Jo 11,52.

Igreja, povo de Deus, realizam-se a salvação, a libertação e a união de toda a humanidade. Ela é o lugar definitivo do encontro entre Deus e a humanidade e de todos os seres humanos entre si (Concílio Vaticano II, 2007a, n. 1).

Fazer da Igreja *a casa e a escola da comunhão*: eis o grande desafio que nos espera no milênio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo. [...] Antes de programar iniciativas concretas, é preciso *promover uma espiritualidade da comunhão*, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se plasmam o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades. Espiritualidade da comunhão significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor (João Paulo II, 2001, n. 43).

### 9.3. Objetivos a serem perseguidos pelos presbíteros

Faz-se mister redescobrir o essencial dentre as muitas coisas que devem ser feitas, às quais cotidianamente se é solicitado. Tome-se em consideração que a complexidade é uma prerrogativa do nosso tempo, que não pode deixar de corresponder à complexidade do ministério pastoral. Isso exige, sobretudo, um sábio discernimento das verdadeiras questões que provêm das situações emergentes. São questionamentos que não podem ser ignorados: o que é essencial para a vida e o ministério do presbítero hoje? O que não pode ser delegável a outros?

O discernimento do essencial permite reencontrar a necessária unidade no ministério, que não consiste só numa ordem exterior, mas na adesão profunda à vontade de Deus (Costa, 1997c, n. 14), que nada deixa à casualidade ou ao condicionamento exterior, mas é o fio interior de uma existência unificada pela convicção, nunca esquecida, de ser chamada ao serviço do Reino.

Compreender a essência e a unidade consente recuperar uma outra qualidade humana absolutamente urgente e preciosa para os presbíteros de hoje: a serenidade, qual a condição para um testemunho de relações cotidianas verdadeiramente objetivas. A capacidade de estar inserido no meio do povo com serenidade é uma questão posta, sobretudo, entre os fiéis leigos. Isso libera o

presbítero da tentação da desconfiança e do pessimismo e o torna semeador de esperança em contextos já pobres de confiança nas pessoas e nas instituições.

A recuperação de um relacionamento sereno com os coirmãos e com o povo exige uma dúplice atenção: por um lado, uma sábia impostação da vida espiritual, fonte fecunda de um ministério pastoral de alto nível; por outro, uma séria consciência crítica diante dos desafios do contexto cultural.

Inserir-se na história é uma obrigação do presbítero, para evitar aqueles medos que criam ânsia e isolamento, e geram involuções frustrantes. Daí a necessidade de conhecer os instrumentos e os conteúdos para discernir com objetividade os problemas que o elemento cultural coloca sobre a estrada das nossas comunidades e do ministério. É urgente evitar leituras redutivas ou aproximativas, que geralmente inclinam ao pessimismo e a perigosas tomadas de distância, produzindo bloqueio e fechamento.

Para uma efetiva disponibilidade à pastoral presbiteral não se pode ignorar os valores humanos, no seu aspecto existencial, no interior das nossas comunidades cristãs; nem deve ser desvalorizada a atenção à vida concreta do presbítero, o seu habitat humano.

A habitação do presbítero não constitui só um problema a ser deixado para cada pessoa, mas a própria Igreja particular deve tomá-lo em consideração, por meio de pessoas encarregadas para isso, a fim de acompanhar de perto a fase de adaptação do presbítero, quando posto numa comunidade paroquial após a ordenação ou quando transferido, com o propósito de evitar a solidão ou o desinteresse eclesial num momento tão delicado.

O acompanhamento do bispo e da Igreja particular favorece um estilo de vida aberto e disponível às solicitações e aos programas que possam vir da própria Igreja ou do próprio presbitério.

Parece que em todos os lugares a pastoral presbiteral solicita das próprias Igrejas particulares uma espécie de “salto de qualidade”, com relação à sua estruturação e acompanhamento. Sobretudo nas dioceses pequenas e médias, é desejável a passagem da experiência ocasional a verdadeiros projetos orgânicos, condição essencial para garantir uma ação pastoral frutuosa.

Quando se fala de “projeto” não se entende somente aquele que diz respeito à pastoral presbiteral com a formação permanente dos presbíteros, mas também o projeto pastoral próprio de cada Igreja particular, com base na sua

história e as exigências que a caracterizam. Daí a importância dos debates e das avaliações, seja a nível diocesano seja a nível regional, para favorecer um mínimo de convergência dos caminhos nos conteúdos e nos métodos.

As próprias *Diretrizes da ação evangelizadora da Igreja do Ceará* parecem pedir maior consciência e envolvimento por parte dos presbíteros, principalmente, na perspectiva de uma efetiva participação das comunidades.

[A Igreja que desejamos construir é:] uma Igreja que assuma com grande seriedade a formação dos seus presbíteros e dos leigos, orientando-se nesta área por intermédio dos documentos *Pastores dabo vobis* e *Christifideles laici*; uma Igreja capaz de articular, pela vivência da comunhão eclesial, o universal com o particular, as diversas formas de vida evangélica e ministerial com os novos movimentos e associações leigas; o paroquial com o diocesano; o sacramental com a diaconia e o testemunho; o celebrativo e orante com o testemunho e o compromisso (CNBB-NE 1, 2007, n. 27).

Por fim, convém sublinhar que são decisivos, no tocante à estruturação e à organização da pastoral presbiteral e, conseqüentemente, à formação permanente do presbitério, a presença e o papel do bispo. É a ele que cabe garantir um presbitério unido como sinal e testemunho a serviço do povo de Deus. Ao bispo se pede ainda que estabeleça uma relação direta com os presbíteros, visitando-os também nas suas casas e, principalmente, indo ao encontro daqueles que, por motivos algumas vezes não identificados, estão à margem ou distantes da vida eclesial.

#### **9.4. Indicações concretas**

Ao longo desta pesquisa, partilhando experiências e dialogando com várias pessoas (bispos, presbíteros, religiosas e fiéis leigos), além das experiências já existentes nas várias Igrejas particulares que estão no Ceará, foi possível colher sugestões que passarão a ser indicadas como elementos que contribuirão com a caminhada da pastoral presbiteral e o fortalecimento da fraternidade sacerdotal. São elas:

- Curso de atualização teológica (a nível regional): seria oportuno retomar esse tipo de curso, destinado aos sacerdotes após terem

alcançado um determinado tempo de ministério (10 anos, 25 anos etc.). Isso favorece a revitalização de temáticas teológicas fundamentais na fraternidade entre os presbíteros. Os animadores desse curso seriam os docentes dos institutos teológicos. Durante o curso, seria previsto o encontro com os bispos ou talvez até mesmo a participação integral deles na iniciativa;

- Jornadas de fraternidade sacerdotal diocesanas: encontro de todos os presbíteros da diocese que poderia ser realizada no seminário diocesano, com a presença e a animação dos seminaristas. Nesse contexto de partilha alegre, recordam-se os diversos aniversários de ordenação sacerdotal (jornada da memória). Poder-se-ia, nessa ocasião, realizar o rito de admissão dos seminaristas às ordens sagradas;
- Viagens com objetivo formativo: seria importante que se organizassem grupos para conhecer os vários lugares de peregrinação, a nível regional, nacional e até mesmo internacional (santuários, Roma, Terra Santa etc.), ou lugares de interesse pastoral;
- Escola dos santos: trata-se do estudo da vida de um santo ou de uma figura sacerdotal que contribuiu com a sua vida para a construção do Reino, com um testemunho de fé. Esse feito se torna motivo de agregação e de memória por parte dos presbíteros, encorajando a esperança além das fadigas e do cansaço que podem tornar o ministério pesado. Será sempre profícuo o zelo sapiente dos testemunhos da santidade presbiteral, que não deixa de oferecer suas contribuições até hoje;
- Comunidades sacerdotais: já existentes em algumas dioceses, devem ser encorajadas entre os presbíteros para uma vida comum, que pode assumir formas diferentes de acordo com as necessidades pastorais: tratar-se de habitação comum, onde isso for possível; partilhar a vida pessoal e pastoral; orar e realizar refeições comumente;

- Estágio pastoral dos seminaristas: reservar durante o ano letivo dois momentos de presença dos candidatos ao sacerdócio nas mais variadas paróquias da diocese para um trabalho pastoral de animação das comunidades. Assim, o seminarista poderia não só se fazer conhecer pelo povo de Deus e participar de sua caminhada, mas também conviver com os presbíteros com os quais irá partilhar sua vida ministerial no futuro;
- Previdência do Clero e Fundo Diocesano de Sustentação do Clero: que a exemplo da Arquidiocese de Fortaleza, as demais dioceses, individualmente ou por blocos, possam discutir com maior amplitude e dedicação a implementação da previdência e do plano de saúde dos presbíteros.

Além destas considerações sugeridas, não se deve esquecer que muito ainda falta ser feito para uma maior comunhão entre os presbíteros no ministério e na vida. O sustento da Igreja, o apoio do bispo, a contribuição de cada um, a troca de experiências diversas, a prudência e, sobretudo, a maior coragem e generosidade ajudarão a encontrar a melhor fórmula e o caminho mais apto para a realização de uma autêntica fraternidade fortalecida por uma pastoral presbiteral atuante que ajude os presbíteros a dar testemunho da ressurreição de Cristo.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Cf. At 4,33.